

Trabalho



Opinião

Pela recuperação dos empregos e das empresas

No próximo dia 3 as principais Centrais brasileiras estarão realizando um ato, em São Paulo, na defesa dos empregos nos setores do petróleo, gás, da indústria naval e da construção civil, e como forma de combater a crise e fomentar os investimentos. Neste dia serão lançadas as bases do movimento e de acordos em nível nacional que objetivem a sustentação do crescimento econômico.

Destacamos os setores acima em virtude dos fatos, amplamente destacados em toda a mídia, envolvendo a Petrobras, a maior estatal brasileira, e empresas a ela ligadas, mas

a luta é em defesa de todos os empregos, uma vez que as demissões vêm acontecendo, rápida e vorazmente, em todos os setores de atividades.

No dia 8 o ato acontecerá no Rio de Janeiro, e no dia 9 as propostas serão entregues ao governo federal, ao Congresso Nacional, à Justiça e aos demais órgãos responsáveis. Manifestações e atos em outras cidades e capitais do País não estão descartados.

A luta da Força Sindical e das demais Centrais é pela retomada do crescimento econômico, pelo resgate dos investimentos, pela recuperação da capacidade produtiva das empresas e pela revitalização dos empregos.

Miguel Torres
Presidente da Força Sindical



CONSCIÊNCIA NEGRA

Mulheres negras realizarão marcha amanhã, em Brasília

Movimentos sociais e Centrais Sindicais participarão do evento, que deverá reunir cinco mil pessoas

As mulheres negras vão realizar uma marcha amanhã, dia 18, a partir das 9 horas, em Brasília, capital do Distrito Federal. O evento é uma iniciativa dos movimentos sociais, que convidaram as Centrais Sindicais para participar desta atividade com a finalidade de massificar as pautas de reivindicações dos diferentes grupos que atuam no movimento negro. "A Marcha da Mulher Negra está incluída em um pacote de atividades que acontecerão na semana do Dia Nacional da Consciência Negra (20), e dará plena visibilidade a nossa luta", declara Maria Rosângela Lopes, presidenta do Sindicato dos Metalúrgicos de Santa Rita do Sapucaí (MG) e secretária nacional de Assuntos Raciais da Força Sindical.

Para Maria Rosângela, todas as ações programadas serão bastante importantes. "O que queremos é viver bem, com respeito e dignidade, como os integrantes de todas as demais raças. Onde já se viu, em pleno século XXI, a atriz Taís Araújo ser vítima de racismo nas redes sociais?"

"Na Marcha, vamos reivindicar a implantação de políticas públicas voltadas às mulheres negras, e que sejam aplicados os marcos legais, como o Estatuto de Igualdade Racial, já sancionado e regulamentado, além das cotas do serviço público e



Fotos: Arquivo Sindivas

Rosângela: "O que queremos é viver bem, com respeito e dignidade"

do Judiciário", afirma Francisco Quintino, secretário de Promoção da Igualdade Racial da Força Sindical Estadual-SP e presidente do Instituto Sindical Interamericano Pela Igualdade Racial (Inspir), que é um dos organizadores da Marcha.

As Centrais Força Sindical, CUT, CTB, CSB, NCST e UGT definiram uma plataforma da classe trabalhadora para a Marcha das Mulheres Negras. Entre os pontos que serão abordados, destaque para a geração de mais e melhores empregos de qualidade com igualdade, oportuni-

Na Marcha, vamos reivindicar a implantação de políticas públicas voltadas às mulheres negras

de e tratamento; incremento e ampliação dos programas de tratamento do SUS (Sistema Único de Saúde) voltados para o atendimento da saúde da mulher negra, com especial atenção para o parto; e a ratificação das Convenções 126 (contra o racismo, a discriminação racial e todas as formas correlatas de intolerância) e 29 (contra a discriminação e a intolerância).

Marcha

No dia 18, as mulheres vão se concentrar, às 9 horas, nas imediações do Ginásio Nilson Nelson, ao lado do Estádio Nacional Mané Garrincha. De lá, elas seguirão em marcha até o Congresso Nacional – uma caminhada de cerca de cinco quilômetros –, aonde deverão entregar suas reivindicações aos presidentes da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, além do Supremo Tribunal Federal (STF).

NOTA DE REPÚDIO

Força Sindical repudia o atentado em Paris

A Força Sindical repudia a barbárie ocorrida na noite desta sexta-feira, dia 13, em Paris, onde mais de 150 pessoas, em sua maioria civis, perderam a vida.

Como membro de organizações internacionais de trabalhadores, acreditamos na fraternidade, na busca pelo trabalho decente e na paz mundial.

Temos claro que atitudes como esta não contribuem para o desenvolvimento das nações. Uma ação terrorista como a ocorrida só produz radicalização política e cultural, acentua a segregação dos povos, aumenta a xenofobia, dissemina a violência e não pode ser mascarada como terrorismo provocado por religiões muçulmanas. Esse estado de guerra afeta diretamente os trabalhadores e suas famílias, que se tornam vítimas da discriminação, de restrições à livre circulação e, conseqüentemente, do desemprego e da miséria social.

Ressaltamos a responsabilidade global de uma tragédia desta envergadura, e, neste sentido, buscar alternativas reais de paz no Oriente Médio como forma de alcançar o desenvolvimento sustentável para todos os povos deve ser, em nossa opinião, pauta fundamental na próxima reunião do G20.

Nossa solidariedade às famílias atingidas e as nossas coirmãs, as centrais sindicais francesas Confédération Française Démocratique du Travail (CFDT), Confédération Générale du Travail (CGT) e Force Ouvrière (FO).

Perfil da mulher negra brasileira

A participação da mulher negra no mercado de trabalho é de 53,1%, conforme relatório sobre as estatísticas de gênero do último censo do IBGE, em 2010. Levantamento feito pela subseção do Dieese da Força Sindical indica que persiste a diferença salarial das mulheres negras em comparação aos homens não negros, que recebem os maiores níveis de rendimento.

"Percebemos a dupla discriminação de

cor e gênero. O valor nominal do rendimento das mulheres negras é, em média, 48% inferior ao das mulheres não negros. Em relação aos homens não negros, o percentual fica em torno de 65%. Estas informações deixam claro que as mulheres negras são discriminadas no mercado de trabalho não apenas por serem mulheres (que já recebem rendimentos inferiores), mas também por serem negras, já que seus rendimentos são ainda

inferiores aos das mulheres não negros", declara Tamires Silva, técnica do Dieese.

A taxa de frequência escolar no ensino médio para mulheres negras ou pardas é 12,5% inferior à frequência de mulheres não negros. A proporção de mulheres negras sem instrução é inferior ao número de homens negros sem instrução. Em 2013, o Relatório Anual Socioeconômico das Mulheres mostrou que a violência física foi 54% dos relatos computados.



NA LUTA PELOS DIREITOS DOS TRABALHADORES

www.fsindical.org.br



twitter.com/centralsindical



facebook.com/CentralSindical